

A guerra dos drones e a transformação do poder militar

A consequência mais problemática do uso de drones na guerra pode ser estratégica, no seu impacto na balança de poderes de uma região, aumentando a propensão para o recurso à guerra como forma de resolver conflitos de Estados que até aí não arriscariam uma guerra convencional.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 19 de outubro de 2022

1. Poderia ser uma recriação da guerra dos mundos (*The War of the Worlds*), a obra de ficção científica de H.G. Wells, publicada originalmente em 1897 e que imaginava um catastrófico conflito entre seres humanos e extraterrestres (marcianos). Poderia também ser o programa radiofónico de Orson Welles feito em 1938 nos EUA, que transformou o enredo em falsos boletins noticiosos, quase provocando uma onda de pânico. Todavia, na guerra da Ucrânia não há extraterrestres. Pelo contrário, é um trágico e destruidor conflito militar entre seres humanos, dos muitos que a história regista, mas que, no século XXI, só imaginávamos ser possível no passado. Todavia, está a emergir nele uma nova realidade militar-tecnológica, a qual, não há muitos anos, poderia parecer ficção científica. A atenção tem estado centrada nas informações de espionagem e de satélite e nas sofisticadas armas que, sobretudo, os norte-americanos têm fornecido ao exército ucraniano, desde os mísseis antitanque Javelin até aos High Mobility Artillery Rocket System (HIMARS), um poderoso sistema móvel lançador de múltiplos rockets. Mas essa não é a história toda desta guerra.

2. A supremacia da tecnologia militar ocidental, essencialmente norte-americana, fornecida à Ucrânia, tem sido bastante nítida, deixando visível um relativo atraso e uma certa falta de sofisticação de muita da tecnologia militar russa. No entanto, não é só a competição militar entre a Rússia e o Ocidente (onde este último continua a mostrar clara vantagem) que é necessário observar para compreender a evolução da forma de fazer a guerra. Há, paralelamente, uma outra transformação a decorrer — e com um crescente grau de eficácia — na tecnologia e produção de material militar não ocidental, com origem no Médio Oriente, que encurtou distâncias. Na guerra da Ucrânia, essa transformação tem passado relativamente despercebida, ou, pelo menos, não tem tido a necessária atenção quanto às suas possíveis múltiplas implicações neste e noutros conflitos. Potências regionais e rivais do Médio Oriente (a Turquia e o Irão), ambas herdeiras de poderosos impérios de um passado relativamente distante (o Império Otomano e o Império Persa) — quando a Europa era um interveniente menor no mundo e os EUA nem existiam, ou eram um novo e débil Estado —, estão a agora a influenciar também o rumo da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

3. É necessário notar que a guerra da Ucrânia não é o primeiro terreno onde se observa a transformação do poder militar em curso. Todavia, o uso dos veículos aéreos não tripulados de combate, vulgarmente conhecidos como drones, tem sobretudo ocorrido em crescendo nos conflitos regionais do Médio Oriente (Síria, Iémen, Líbia ou outros), influenciando os resultados das operações militares. Mas foi no Cáucaso em 2020, durante a segunda guerra do Nagorno-Karabakh, que opôs o Azerbaijão à Arménia, que essa substancial transformação na forma de fazer a guerra mostrou as suas potencialidades plenas. O sucesso militar do Azerbaijão neste segundo conflito — quando tinha sido derrotado pela Arménia na primeira guerra, travada com outra tecnologia e equipamento militar, entre 1998 e 1994 — deveu-se, em grande parte, a um amplo uso de drones (fornecidos pela Turquia, mas também por Israel), o qual apanhou desprevenidos os exércitos arménios. Se, no conflito entre a Arménia e o Azerbaijão, a Turquia marcou pontos com as suas inovações tecnológicas-militares fornecidas aos azeris, na guerra no Iémen, a qual decorre desde 2015, foi a vez de o Irão, embora de forma mais limitada, mostrar as suas capacidades militares ao fornecer drones aos rebeldes Houthis (que, entre outros usos, fizeram vários ataques assinaláveis com estes).

4. No actual conflito militar provocado pela invasão militar russa da Ucrânia, múltiplas comparações têm sido feitas com a II Guerra Mundial, desde logo pelas péssimas memórias que fez ressurgir. Além de outras questões que essa analogia histórica levanta, aqui não discutidas, há uma diferença muito evidente. Nessa época, os fluxos de fornecimento de armamento tinham um sentido único: iam da Europa/Ocidente para o mundo exterior, não o inverso. Teríamos talvez de recuar aos tempos áureos do Império Otomano para encontrarmos um fluxo significativo, de sentido inverso, na tecnologia militar. Na guerra da Ucrânia, os drones Bayraktar TB2, com origem na Turquia, apesar de tudo um país da NATO, foram elogiados no Ocidente. Têm permitido à Ucrânia compensar a falta de uma força aérea capaz de conter as investidas da Rússia, apesar de esta última não ter conseguido a supremacia esmagadora no espaço aéreo que contava ter. Todavia, os drones Bayraktar TB2 não foram a única arma inovadora e eficaz, não ocidental, introduzida no teatro de operações, como estamos a ver agora. Nas últimas semanas, a Rússia passou a usar também drones nas suas operações militares. Com origem em tecnologia do Irão e montados na Rússia, ou até já fabricados nesta, apareceram agora em utilização os drones do tipo Mohajer-6 e Shahed-136 — estes últimos do tipo kamikaze, pois foram concebidos para embater directamente nos alvos, podendo levar cargas explosivas a distâncias consideráveis, superiores a dois mil quilómetros. Nesta altura, não é ainda claro o impacto que terão no decurso da guerra, nos últimos meses bastante favorável à Ucrânia.

5. É possível inferir já algumas importantes consequências, militares e estratégicas, destas transformações na forma de fazer a guerra. No plano militar, uma das mais críticas é que os sistemas de defesa antiaérea (e incluindo os sistemas de guerra

electrónica) foram concebidos para negarem o espaço aéreo a aviões de guerra, mesmo os mais sofisticados. Acontece que não se têm mostrado particularmente eficazes a proteger o espaço aéreo face a drones relativamente baratos — em qualquer caso, muito mais baratos do que qualquer avião militar moderno e sofisticado —, que têm conseguido contorná-las ou até atacá-las. Pelo seu custo baixo e grau de eficácia elevado, sem perdas de vidas humanas de pilotos, os drones trouxeram um salto tecnológico e uma mudança substancial na condução da guerra moderna. Mas a consequência mais problemática pode ser estratégica, no seu impacto na balança de poderes de uma região, aumentando a propensão para o recurso à guerra como forma de resolver conflitos de Estados que até aí não arriscariam uma guerra convencional. As guerras do Médio Oriente e do Cáucaso mostram-nos que essa tendência está já em marcha. Quanto à guerra da Ucrânia, está a ser um outro grande terreno de ensaio sobre o impacto que esta nova arma terá no resultado final das operações militares. Aspecto preocupante para o Ocidente — e para a Europa em particular — é esta tecnologia chegar agora a guerras europeias (e a ser disseminada por vários países do mundo) através de Estados como o Irão e a Turquia. Com a supremacia tecnológica-militar da Europa a perder terreno para o mundo não ocidental, é também a segurança europeia que fica fragilizada e os europeus mais vulneráveis.

<https://www.publico.pt/2022/10/19/mundo/analise/guerra-drones-transformacao-militar-2024666>